**6CCHLADPPX15-O**

**AÇÕES INTEGRDAS UFPB – COMPLEXO PSIQUIÁTRICO JULIANO MOREIRA**

Ícaro Braga (1); Roberta Trindade (2); Rodrigo Vaz (2); Jackeline Aires (2); Érica Matsuoka (2); Bruna Grasiele (2); Eugênia Correia (3); Flávia Fernando (4);

Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Departamento de Psicologia/Probex 2011

 O projeto “Ações Integradas UFPB – Complexo hospitalar Juliano Moreira” iniciou suas atividades em fevereiro de 2011, mantendo a mesma proposta básica dos projetos de extensão já realizados desde 2005 em diversos tipos de instituição. No Projeto Sentinela, foram crianças em situação de abuso doméstico, na Casa de Apoio ao paciente com câncer, foram pessoas com esse diagnóstico, no Lar do Idoso, foram idosos em situação de degenerescência psíquica, e agora um hospital psiquiátrico em época de Reforma Antimanicomial.

 Somos 4 estagiários da graduação, um bolsista de extensão, e várias pessoas que apóiam diretamente no Hospital Juliano. Nosso objetivo fundamental é contribuir para uma assessoria junto aos trabalhadores da instituição. No contexto dessa capacitação contínua, diretamente no campo de trabalho, surgiram as seguintes oficinas:

1 - Oficina de histórias, ou “Hora da história”, coordenada por Érica Matsuoka e tendo também como participante três trabalhadoras do Juliano, que participam como voluntárias: Rinalda, Maria José e Tânia.

2 – Cineclube, coordenado por Roberta Trindade, planeja dois tipos de sessões: a) a sessão dos cuidadores, restrita a adultos e abordando temas mais delicados, propomos “O libertino” para a próxima sessão, quando esperamos também a participação de Pedro Felipe, aluno de Psicologia entusiasmado com a interface Cinema-Cuidado

3 – Oficina de Rock – Ainda nas primeira sessões, coordenada por Ícaro Braga, a música é tomada como ponto de partida para comentários e reflexões.

4 – Escuta aos profissionais – atender as demandas que a atividade no complexo psiquiátrico implica nas relações do individuo.

Marcamos para dia 8 de novembro uma pausa para relato e avaliação recíproca dos trabalhos que cada um tiver realizado. No momento parece razoável afirmar que estamos alcançando nosso objetivo, que é começar o trabalho. Uma inserção institucional utilizando recursos expressivos só pode acontecer em função de uma temporalidade que segue seu curso independente dos calendários. Precisamos, entretanto, compartilhar nossas questões e surpresas, sendo então esse momento muito importante para a continuidade do projeto.

 Deixo aqui algumas observações sobre a “Hora da história” por ter sido a atividade que participo mais diretamente, além das supervisões.

 “Hora da história”

– Coordenação de Érica Matsuoka

- Participantes: todos os integrantes do projeto e três trabalhadoras do hospital.

- Supervisão clínica: Eugênia Correia

 Vamos lidar com livros. A Biblioteca é nosso espaço no Juliano e a proposta é que cada um dos convidados possa participar da própria criação do que estamos denominando “Hora da História”.

A “instrução” básica é, antes de tudo, construir um vínculo com a pessoa, e no meio da conversa arriscar a idéia de contar a história lendo ou dramatizando, individualmente ou em grupo, pequenos, com 2 ou 3 participantes, ou maiores, com 4 a 5. Mais de cinco? Quem sabe, pode dar certo, mas poderíamos começar um por um. Acho que é mesmo ideal no máximo 2 para começar, o que acham?

Depois, durante, o momento de parar é sempre uma questão do que cada um achar na hora. Não há uma regra, mas as associações podem ser fecundas, e nosso maior objetivo é escutar. Como se escuta uma música no meio de um barulhão, deixar a música daquela pessoa soar nos nossos ouvidos:

Por exemplo - naquele momento, de qual personagem da história a pessoa parece se aproximar mais?

 - um incidente que causa maior lentidão no transcorrer da narrativa, não há por que avançar mais se a pessoa não vai junto, nem também é fora da regra pular os trechos que parecerem muito longos para aquela ocasião. Ver como é que a pessoa pede uma repetição ou sugerir que ela leia, dramatizar, ler juntos cada um sendo um personagem, são muitas possibilidades.

Cada um combina o horário com Érica e Juliana, com as duas para ter garantia que vai entrar, por onde ir para ocupar a Biblioteca sem causar muitos transtornos, se é que é possível haver ainda mais. (brincadeirinha....)

Uma vez por semana, cada um de nós conta como está sendo transformar em teoria o que é experimentado. Teoria = comentário e registro simultaneamente. Não precisa ninguém dar aula ou fazer trabalho como na academia, mas se quiser fazer referência a autores, a recomendação são os textos indicados por Carlos Santos para o seminário Clínica da Psicose:

Freud – “A denegação” (ou A negativa)

Lacan – Introdução ao comentário de J.Hipolite / Comentário de J.Hipolite/Resposta ao comentário. – Escritos

Com exceção destes, todos os textos que se encontram na Pasta da Hora da História fazem referência a algum conto, ou romance ou filme.

Aqui gostaria de retomar um dos traços que caracterizam os filmes chamados “infantis”. A maioria deles traz algum tipo de monstro, de que a criança e o adulto vão se distanciar. Estudando antropologicamente a monstruosidade, Mary Douglas – Purezas e Impurezas, Perspectiva – aproxima o monstro daquilo que não se deixa classificar. Por não ter um lugar na linguagem, não permite deslizamento significante, encrustrando-se como uma idiossincrasia patológica.

Mas vamos lidar com histórias, livros, histórias em quadrinhos, poemas! Exclamação que pode sugerir um álibi para nos afastar de questões muito pungentes. Seguindo a própria rota do livro, nota-se que as bibliotecas estão se dirigindo à forma de arquivos, com menos materialidade no volume, o que impõe um outro modo de organização do espaço e dos objetos.

Na Arquivologia, assim como na Biblioteca, existem “coleções”, mas esse termo tem sentidos diferentes. Diz-se dos livros que formam coleções quando estão compilados em torno de algum dispositivo, como as enciclopédias, ou as obras de um mesmo autor. Nos arquivos, trata-se de “coleções”, onde fotos, cabelos cortados, diferentes tipos de objetos podem ser encapsulados em uma mesma sequência.

Seja qual for o objeto, uma coleção é um conjunto que conseguiu uma encadernação, um eixo em torno do qual as folhas se organizam. Esse eixo, entretanto, tem como propriedade principal sua capacidade de girar em torno de si, tornando o furo interior um vazio operativo imprescindível para o caráter dinâmico de uma coleção. Se esse vazio for considerado como tal, como puro eixo, o que vai interessar mais serão as forças que unem as bordas ao dorso, a mão de quem segura ao próprio livro. Não é apenas a existência do livro que é captada por nossa atenção, mas nós somos capturados pela presença que a palavra assume em sua verdade.

A verdade da coleção assume o termo “fundo”, na arquivologia. E fundo já carrega em si um determinado esgarçamento que lhe traz volume e aconchego. É um ponto tão sutil que pode aparecer como reentrância, como o ângulo convexo equivale ao côncavo.

A máxima do profeta Malaquias 3:3, que me foi enviada por uma amiga, propõe: ”Assentar-te-ás diante da chama” e deixarás que a prata fique livre de impurezas pela ação do calor. É preciso ficar olhando, sentado, atentamente, para que a temperatura não seja excessiva, transformando a prata em metal sem valor. Perguntaram então ao ourives como é que ele sabia que esse momento crucial se aproximava, e ele respondeu que o processo terminava quando ele via a própria face na superfície da prata.

A escuta, diferentemente da visão, traz a vantagem de se poder observar que o silencio só tem poder estruturante quando é parte do diálogo.

No mais, cada um no seu estilo, do seu jeito, faz as intervenções que achar por bem, e discutimos as sextas à tarde nas supervisões.